

HECATOMBE-BUMBÁ

PERSONAGENS:

Raimundo

O Narrador

Sebastião

Don'Ana

Januário

Inácio

Tereza

Zeferino Rouba Rico

Maria Manda Brasa

A Retirante

Zé Pedro

Mané Lúcio

Salustiano

Gabriel

Zilu

O Velho Daniel

Os personagens das histórias do boi

Os integrantes do bumbá-agreste

Os integrantes do bumbá-da-mata

Os animais

CENÁRIO:

Embora possa ser montada em espaços tradicionais mediante adaptações, a peça foi pensada para edificações maiores, com vários ambientes, por onde atores e público possam se locomover. Aqui, as rubricas se referem ao cenário como sendo um barracão, com saídas e entradas para uma área externa que circunda a edificação e com acesso para a rua.

HECATOMBE-BUMBÁ

Interior barracão. Em meio a um círculo de cadeiras, está o Narrador, sentado, apoiado em uma bengala. É um senhor barbado, vestido de chapéu e terno brancos. Ele convida o público a se aproximar. Após os espectadores ocuparem seus assentos, a luz fecha, se mantendo apenas sobre o contador.

A partir de certo ponto de sua fala, atores, vivendo em trajes realistas os personagens da história do boi, surgem ao redor do público. Iluminados por breves momentos, eles aparecem estáticos, como gravuras, ilustrando alguns momentos da história. Apesar da quase penumbra, sua movimentação de uma cena para outra pode ser percebida, de forma que isso dispute um pouco da atenção com a narrativa.

NARRADOR - É história antiga, mas muito afamada. Até hoje povo de lá e cá da região do rio dança e brinca – cada um a sua maneira - inspirados nesses fatos, esquecido de que no enredo, por mais que prevaleça a alegria e a concórdia, há fartura de desacordo, desgosto, violência, sangria e lágrima.

Tudo se inicia com uma criança inda no bucho. Certo dia, prenha, com barriga bem adiantada, a escrava Catirina, se diz ao marido desejosa de boa língua de gado. Pai Chico, de imediato, lhe recusa o pedido, pois refeição de tal classe só a gente de posse era permitido. Mas Catirina não se dá por vencida - voluntariosa como o quê, insiste na manha e bota ameaça: “Se não me trazes a iguaria - e me sacia essa necessidade - nasce teu filho com cara de boi – ou de vaca, se for menina. E ao invés de lhe colocar medalhinha de Nossa Senhora no pescoço, vai ter de pendurar é um sino de lata.”

Pai Chico, temeroso da desgraça de ter menino com focinho de carneiro, decide atendê-la e invade, numa madrugada de lua, o curral do seu sinhô, um poderoso fazendeiro. Escolhe o bicho mais vistoso, segura com força os cornos e depois mata – passando na garganta grossa o fio da sua navalha.

A língua, conforme prometido, cozinha para a esposa - com muito alecrim, pimenta e louro – e angu de acompanhamento – fazendo a felicidade da negra, que se lambuza inteira com o prato. O restante reparte com a vizinhança - distribui coração, tripa, miolo - e, para o mocotó, dá à Dona Jacira as patas de trás e à Dona Zilu, as da dianteira.

O coronel, no entanto, zeloso do seu rebanho, logo se dá conta do boi que lhe falta - o branco, que viera do Egito - justamente seu favorito – animal peculiar por se mostrar aos convidados que vinham de tudo quanto é canto para vê-lo. Diante dos visitantes, o zebu costumava balouçar-se inteiro – trançava os cascos e girava o corpo em volta de si mesmo para, depois, recolher em gentis salamaleques, feitos com os chifres, os esfuziantes aplausos que ardiavam as mãos do público. E logo ele, boi fino e bem quisto como nunca igual se teve, terminou destrinchado, servido de banquete a uma corja de caboclos sem berço.

Ainda desconhecendo o fim dado ao animal, o sinhô adianta juras de sangue e manda seus jagunços à caça do ladrão. Com armas em punho, vão os capatazes de porta em porta - e não tarda um sujeito, pego com a panela cheia de guisado a perfumar toda casa, dar, em troca da salvação da própria vida, o nome e paradeiro do ladino.

Pai Chico e Catirina, alertados do ocorrido, fogem em direção da floresta, para além do rio. Deixam para trás os restos do bicho - prova do mal feito. Da bonita

rês sobram apenas o rabo, o crânio cornudo e os ossos das costelas, chupados e roídos até o último fiapo.

Ao coronel, sem poder se confortar com a cabeça do inimigo espetada na ponta da faca, fica apenas a fé em uma dádiva – ver seu boi ressuscitado. Com a carcaça nas mãos, faz promessas a São João e, depois, a São Francisco – se atendido, percorreria, de joelhos, o caminho do curral até a igreja e mandaria erguer estátua dourada, reluzente feito seu canino. Mas os santos de boa religião não lhe dão ouvidos e ele, mesmo avexado por contrariar os aprendizados do seu catecismo, recorre às rezadeiras da região e aos curandeiros. No entanto, nenhum é capaz de devolver a vida ao animal e, assim, secar o choro que lhe corre pelo rosto, molhando a cinza barba.

Enquanto isso, na morada onde agora vivem longe do perigo das espingardas, Pai Chico e sua negra não se cabem em contentamento - são só sorrisos. É nascido seu primeiro filho - um bebê corado, rechonchudo, de rosto todo gracioso – perfeitinho - tal imagem de um Jesus Menino mestiço que exibem, cheios de satisfação, aos novos amigos. A ele, batizam Quirino.

Dez anos se passam - e é desse ponto que a história se diverge. E, de um mesmo fato, surgem dois outros pra ganhar o imaginário das gentes – e aquilo que pode ser verdade pra uns, é lenda pra outros - e vice-versa!

Como uma incipiente música, alguns sons de instrumentos típicos do agreste nordestino podem ser ouvidos.

NARRADOR - Na narrativa que se conta para a região do rio, onde o arvoredo é farto e as chuvas caem em constância, o fazendeiro, depois de peregrinar por

muitas e muitas terras, ainda persiste nas suas esperanças. Em prosa com um mascate que tenta lhe persuadir a comprar botões, panelas e elixires dos mais variados, toma conhecimento de um pajé que vive para além do sertão, depois da outra margem, lá na floresta. “O homem me curou dos males da bexiga, seu doutor” afirma o mercador, agitando suas quinquilharias. “E de quebra, me arrumou a espinhela caída.” E assim, levando consigo os restos do zebu estimado - enleados em pano com renda, bordado - atravessa agreste, caatinga, mata e cruza, enfim, as agitadas águas em busca do tal milagreiro.

A notícia da chegada do sinhô se espalha pela vila até a palhoça donde mora com a família Pai Chico. O escravo fujão e a esposa se esconjuram e caem em desespero – juntam suas tralhas e a das crias – que agora são em cinco - e seriam mais não fosse o foice da maleita – e partem em retirada. Mas por falta de sorte, são surpreendidos no caminho pelos capatazes que seguem o fazendeiro. “Vim em paz, atrás do feiticeiro!” anuncia o coronel com a mão no coldre “Mas se o velho tiver insucesso na incumbência de reviver meu boi, sei que terei por único consolo o olho por olho e o dente por dente – rasgo a garganta do teu primogênito e lhe como a língua – crua e sem tempero.” E, assim, sentindo o cano frio encostado na nuca, são levados os prisioneiros pela trilha até a aldeia.

É com grande expectativa que todos acompanham a pajelança que ocorre naquela mesma noite. O silêncio é tanto, que o cricri dos grilos e o coacho dos sapos podem ser ouvidos a léguas de distância. Diante das partes do animal, postas respeitosamente sobre uma esteira de cipó, o índio inicia seus trabalhos - fuma, defuma, cospe, reza, roga - invocando espíritos de nomes variados que só naquela parte do mundo existem. E, pouco a pouco, o gado retorna do

mundo dos mortos - e sob a bumba dos tambores, se ergue gaiteiro, saindo em dança bonita pela floresta, comemorado com euforia por toda a comitiva.

Agora, são os instrumentos do Norte brasileiro, como os maracás, que podem ser ouvidos.

NARRADOR - Já na versão que se espalhou do outro lado, onde o verde é parco e a terra em pó se levanta, é distinto o fim do enredo.

Menino criado e crescido, Quirino, certo dia, toma conhecimento, pelo mexerico dos ribeirinhos, da história de um fazendeiro podre de rico, mas amargurado por conta da morte de seu boi dileto. A tristeza era justificável - não se tratava de um bicho qualquer, mas sim, de um boi raro, que até dançava – e animal assim, não deveria ter por destino nenhum papo, quanto mais o de um bandido.

Soube ainda, que depois de percorrer meio mundo em romaria atrás de milagre não respondido, o homem enclausurou-se dentro de seu casarão – e de lá nunca mais saiu, tornando-se para o povo da região, uma espécie de alma desencarnada.

Curioso como só, Quirino não se dá por contente com os fatos apresentados e sai pela vila consultando os vizinhos mais antigos. E as respostas que recolhe vão, uma a uma, lhe conduzindo de volta para sua própria casa, onde os pais acabam por confessar o crime. “Foram os melindres da minha mãe e o mau passo de painho que impuseram, ao pobre homem, essa injusta tristeza” – conclui ele. “E se é certo o que alegam em sua defesa, que o fizeram para

atender à minha natureza de criança, tomada por estranha gula ainda que no ventre, eu próprio, em pessoa, tenho por obrigação reparar tão sofrida perda”.

Os pais, temendo por sua vida, tentam, a todo custo, dissuadi-lo. Mas os prantos e gritos são inúteis – nada minguava a cisma do menino. E, assim, sob uma pequena canoa, que mal se sustenta sob a forte correnteza, traça caminho inverso ao feito quando, ainda não nascido, se abrigava embolado às tripas.

Depois de enfrentar dias de viagem, sob um sol de brasa que nunca conhecera, Quirino chega, enfim, à fazenda do dito cujo. Aproveitando-se da madrugada, invade, sorrateiro, o casarão e se depara com um altar erguido em homenagem à rês finada. Ajeitada com cuidado entre figuras de mártires, velas e cruzeiros – ali está a velha carniça. O mesticinho, então, tem uma ideia - surrupia os restos e com eles se adorna. Sobre a cabeça, os cornos da caveira; na traseira, pendura a cauda com alfinete; e, por fim, reveste as próprias costelas com as costelas do bicho, como fosse paletó de linho.

E, assim trajado, sai pelas redondezas, acordando com seus mugidos fingidos os moradores. Assustado, de início, com o estridente berreiro, o sinhô sai até sua varanda. Mas quando avista o boi-menino bailando pelo terreiro, a alegria é tamanha que dá uivos, tiros para o alto e saltos que alcançam mais de três palmas! Tão prazeroso ficou o homem que deu festa grande para todo o povo e garantiu indulto à família do inimigo.

De volta à fazenda, coube a Pai Chico e a Catirina se resignarem com a sina do filho. Justamente eles que não queriam rebento nascido com fuça de gado, tiveram de se conformar com a fantasia do menino, a dançar de boi noite e dia para satisfazer as saudades do seu novo proprietário. É por isso que ao final do

folgado, todos se juntam em roda para saudar o bicho. E, se vez por outra, ele ameaça dar com os chifres em algum brincante não é por ressentimento, mas sim, para defender o disfarce dos olhares mais desconfiados. Ê Quirino!
Ô Quirino!

SEBASTIÃO – (chama) Ê Raimundo! Ô Raimundo?

NARRADOR – Ê Quirino!

SEBASTIÃO – Ô Raimundo?

NARRADOR – Ê Quirino!

SEBASTIÃO – Ô Raimundo?

Dois músicos, de vaqueiros caracterizados, tocam seus pandeiros. Revela-se para o público um novo cenário. Um curral. O sol de fim de tarde espalha vermelhidão pelo chão agreste. Sebastião está encostado na cerca, do lado de fora. O jovem Quirino, montado em seu cavalo, reúne o gado.

O público é conduzido pelos músicos para acompanhar a cena junto de Sebastião. Seu limite é imposto pela cerca que separa em dois o barracão.

SEBASTIÃO – Ê Raimundo!

RAIMUNDO – Diga lá, Sebastião.

SEBASTIÃO – Me disseram que tu é conhecedor de toadas das mais diversas.

RAIMUNDO – Sou sim. Por quê?

SEBASTIÃO – Por nada. É que outro dia tava tentando me alestrar de uma que ouvia quando pequeno. Costumava seguir sertão adentro, na garupa do meu pai. Seu Miguel quem conduzia boiada. Era uma cantoria sem fim. Coisa bonita por demais! Mas tinha uma que era especial, me enchia o peito... Falava do pedido feito por um vaqueiro, logo antes de morrer.

RAIMUNDO – (canta)

Ê ôô, vida de gado

Oooi

O vaqueiro adoecendo joga seus couros na cama

Pelo campo o gado urra como quem por ele chama

Na porteira do currao berra toda bezerrama ê ê ê

Diz ele quando eu morrer coloquem no meu caixão

Meu uniforme de couro perneira chapéu gibão

Pra eu brincar com São Pedro nas festas de apartação ê ê ê

Ê ôô, vida de gado

Oooi

Não esqueçam de botar as esporas e o chapéu
O retrato do cavalo que eu sempre chamei Checheu
Para eu brincar com São Pedro nas vaquejadas do céu ê ê ê

Diz ele quando eu morrer não quero choro nem nada
Quero meu chapéu de couro e uma camisa encarnada
Com as letras bem bonitas foi o rei da vaquejada ê ê ê

*Nota: a canção pode ser ouvida no vídeo
<https://www.youtube.com/watch?v=Xg6wZVIhQWE>.*

SEBASTIÃO - Ê! É essa mesma! Êta cabra bom! Tempo que não ouvia coisa de tanto sentimento. É pouco os vaqueiro nos dias de hoje que inda sabe puxar toada. Aquele tempo sim era bom... É pena que as coisas tão se perdendo...

RAIMUNDO – Tenho memória boa. De ouvir uma vez já guardo na cabeça.

SEBASTIÃO - Um dom esse que Deus lhe deu... Mesmo sendo tão menino, canta com propriedade.

RAIMUNDO – Isso é coisa com a qual se nasce.

SEBASTIÃO - Vem cá, Raimundo. Tá sabendo da febre da baba?

RAIMUNDO - Sabendo não, Sebastião. Que febre é essa?

SEBASTIÃO - Lá pra Santa Efigênia, na fazenda de Seu Aluízio. Os bicho começou a fazer baba caudalosa e a se estrebuchar. Tão perdendo peso. Veio médico do governo lá da cidade estudar o caso e tudo mais. Suspeita que é doença chegada do estrangeiro. Se confirmado, a coisa vai ficar é feia. Seu Aluízio vai ter de abater rebanho inteirinho, inteirinho.

RAIMUNDO - Aquele miserável que se dane. Vai ser é bem feito!

SEBASTIÃO – É cabra. Larga esse rancor. Não vale a pena sustentar ódio no peito.

RAIMUNDO - Mas me diz: e veio parar aqui foi como essa doença?

SEBASTIÃO – Se desconfia que foi uma rês trazida lá da Índia.

RAIMUNDO - E onde fica?

SEBASTIÃO - Lá pros lado do Japão. Ô, Raimundo. Sabia que na tal da Índia povo não come carne de vaca? Professor Odorico quem disse. Diz que lá bicho é santo. Não pode relar dedo nelas que dá cadeia.

RAIMUNDO - Blasfêmia comparar coisa com outra.

SEBASTIÃO - E não é? Também penso assim. Pensa entrar na igreja e encontrar vaca no altar, de mantinho dependurado nos chifre, enchendo chão de bosta?

RAIMUNDO - Isso não é coisa com que se brinca, sujeito!

SEBASTIÃO - Eita! Acordou abespinhado pelo visto. Tava só fazendo graça. Não era intenção ofender.

RAIMUNDO - Gado foi feito pra morrer – é com esse propósito que se cria. Sobretudo se for macho. Esses aqui semana que vem tem encontro com o matadouro. Seu Januário já deu as ordens.

SEBASTIÃO – É... Professor falou das fêmea, mas não mencionou que fim leva os varão. Mas sabe... Raciocinando bem, isso de vaca ser sagrada tem sua razão. Depois que mulher desamamenta é quem que alimenta os menino? A vaca. A bicha é como fosse segunda mãe do homem.

RAIMUNDO - Só se for a tua.

SEBASTIÃO – Ê! O sujeitinho tem a língua afiada. É despeitado assim porque é filho de chocadeira!

Raimundo aproxima-se da cerca com o cavalo em uma atitude combativa. Cria-se uma tensão entre eles.

RAIMUNDO - Não tenho pai, nem mãe – como é de conhecimento de toda essa gente - mas isso nunca que me fez falta. Tenho Nossa Senhora ao meu lado e São Raimundo Nonato, padroeiro dos vaqueiros, como padrinho - desprotegido é que não fico.

SEBASTIÃO – Eia! Não tome por mal - é meu jeito de fazer troça. Ainda que de pouca idade, lhe respeito como homem feito.

RAIMUNDO - Homem feito é o que sou, Sebastião. Na alma, no corpo e nas marca.

SEBASTIÃO - É verdade isso que contam? Que foi pisoteado por estouro de boiada inda pequeno?

RAIMUNDO - Povo fala demais. É bom não dar trela. Mas isso é fato. Estive pra morrer – e morto me senti – mas sobrevivi e voltei pra seguir o que o destino me reservou.

SEBASTIÃO – E o que seria?

RAIMUNDO – A lida de vaqueiro É essa minha sina. E dela não fujo.

SEBASTIÃO – “Sina”... Aqui a gente não passa de peão... Só segue os mandos. Ouve quem tem mais vivência. Não se sacrifique tanto pelo que é dos outros que no final do mês, a paga é a mesma.

RAIMUNDO - Não é dinheiro que me traz satisfação, Sebastião. Isso aqui pode pertencer a Seu Januário - no papel. Mas é o meu aboio que toca esse gado - seja em direção do pasto, seja a caminho do açougue.

SEBASTIÃO - Se o homem lhe escuta nessa mania de grandeza faz como seu Aluízio – coloca outro no teu lugar e lhe bota na rua.

RAIMUNDO - Aquele um ainda vai pagar seu preço! Escreve! Quero ver esse desgraçado de chapéu na mão quando a tal febre derrubar uma a uma suas cabeça!

SEBASTIÃO - Larga desse ódio, menino... Tem coisa que não se deseja pro pior inimigo. Não pragueje que isso pode rebater e lhe cair em cima.

RAIMUNDO - Meu santo é forte, Sebastião!

Raimundo começa a cantar seu aboio.

SEBASTIÃO – Tá certo! Vou lhe deixar aí com seu serviço que tenho ainda que atender o patrão. Depois se achegue lá em casa pra jantar. Don’Ana já já termina de preparar o feijão.

RAIMUNDO – Agradecido!

SEBASTIÃO - Até já!

Sebastião sai. O gado vai sendo conduzido para fora do cenário. Anoitece. Um touro se aproxima. É o Estrela Preta. É o maior animal do rebanho - todo branco traz uma mancha preta, em forma de ponta de lança, na testa. Entra em cena como tomado por um torpor, impassível. Anda assim, é magnífico em seu porte. Para em meio ao curral, sem seguir o rebanho que termina de entrar. Raimundo insiste, sem sucesso, no aboio. Apeia do cavalo e toma o touro por um dos chifres.

RAIMUNDO – Bora, Estrela Preta.

O animal balança a cabeça se livrando do vaqueiro. Raimundo tenta mais uma vez, mas não consegue com a força do gado

RAIMUNDO – Bora, filho de um cão!

O animal empurra o garoto com a cabeça. Ele quase cai. Estrela Preta gira, cabeceando o ar.

RAIMUNDO – Tu vai ver só, amaldiçoado!

Raimundo pega o chicote e, aos gritos, dá no animal. O touro investe contra Raimundo, atirando-o no chão. Ele machuca a testa. O touro chega muito perto dele, ora ameaçando com chifradas, ora quase pisoteando. Raimundo se protege. O gado começa a girar diante do vaqueiro, em transe. Aos poucos, o receio pela agressão, se torna, pra Raimundo, deslumbramento. Luz apaga.

Uma luz mais ao fundo ilumina uma pequena cozinha. Don'Ana mexe em suas panelas postas sobre um fogão de lenha. Raimundo se aproxima, retira o chapéu e se senta.

DON'ANA - Ô Raimundo. E Tião? Cadê?

RAIMUNDO – Logo vem. Foi resolver umas coisas pra Seu Januário.

DON'ANA – Pois então pode ir se lavando. Logo sirvo a janta. Ôxe. Que foi isso na testa?

RAIMUNDO - Nada não, Don'Ana.

DON'ANA - Se meteu em briga por aí, foi? Raimundo, Raimundo... Que sei da tua fama. Qualquer dia lhe pegam de jeito e lhe mandam pro cemitério. Não é todo valente que tem a sorte de parar na cadeia. É bom que saber disso.

RAIMUNDO – Isso aí foi acidente na lida.

DON'ANA - Bicho lhe atacou?

RAIMUNDO – Estrela Preta. Começou a se arrodear assim, pelo curral. Eu que não devia ter me intrometido.

DON'ANA - Ôxe! E desde quando vaqueiro considera vontade de gado?

RAIMUNDO – Parecia o boi branco do folguedo.

DON'ANA – Boi que dança... Isso é crendice do povo antigo. Deixa eu ver...

RAIMUNDO – Foi nada. Sangue já estancou.

DON'ANA – Melhor pedir pra Tião lhe levar até a casa do doutor.

RAIMUNDO - Não quero favor de ninguém.

DON'ANA - Arre. Diacho de menino orgulhoso! Ao menos lave isso com sabão e água morna - senão daqui a pouco as moscas vêm e enche tua cara de berne.

Ela prepara uma tina com água quente e pega uma pedra de sabão.

DON'ANA – Por falar no boi, vai domingo no festejo?

RAIMUNDO – Vou sim.

DON'ANA – E dança?

RAIMUNDO – Não. Só vou é assistir.

DON'ANA – Dona Belmira falou que Seu Cosme tá procurando alguém pra lhe substituir no próximo ano. Diz que o homem não pode mais com o peso das vestimenta. Não tem mais idade pra dançar horas e horas como o menino... Mas parece que ninguém na vila quer muito esse sacrifício...

Com um pano umedecido molha a testa do vaqueiro. Raimundo toma o pano de sua mão.

DON'ANA – Vou lá dentro pegar um curativo. É bom cobrir isso.

Don'Ana sai. Sebastião chega.

SEBASTIÃO - Ô Raimundo. Tu não sabe o que o patrão acabou de me contar. Recebeu notícia inda agorinha de que os médico confirmaram: a tal febre da baba pegou mesmo o gado do Seu Aluízio – e se espalhou no rebanho. Que foi isso aí?

RAIMUNDO – Nada de importante. Mas conte, homem. E aí?

SEBASTIÃO - Deram ordem de fazer o abate de imediato. Seu Aluizio vai ter de fazer cova funda e atirar toda rês lá dentro. Vai precisar de máquina pra cavar. Diz que tem de enterrar bem enterrado porque se o gado fica no sol, mesmo morto, é capaz de espalhar a peste. Sei que tem tuas desavenças com o homem, mas dá tristeza imaginar cena assim, não dá? Sujeito agora tá endividado. Vai ter de vender até as botas pra pagar empréstimo no banco.

Don'Ana retorna com uma tira de pano.

DON'ANA – Isso aqui serve. Segura aqui pra mim, Tião, enquanto amarro.

O casal faz o curativo no rapaz.

SEBASTIÃO - Ah! Outra coisa importante - Seu Januário disse pra tu ficar bem atento no gado dele - que na terça pessoal do governo vem aqui fazer a inspeção. Qualquer coisa de diferente é pra avisar ele no ato, sem demora.

DON'ANA – Pronto! Vão os dois se lavar agora que vou botar os pratos na mesa.

Saem os homens. Don'Ana põe a mesa. A imagem de um boi em estado de paralisia. Ele baba. Cai de joelhos, fraco. Na escuridão ouve-se uma voz:

CORONEL – Ai! Mataram meu boi! Meu boi mataram!

Um mugido.

CORONEL - Mas agora, ele tá ressuscitado! Com a graça de todos os Santos e de Nosso Senhor!

Luz em outro ponto. O Coronel solta fogos. O personagem de Quirino (vivido por um cara mais velho) está paramentado com os restos do boi. Ele muge e corre dançando pelo espaço. Surgem os personagens do enredo do bumbá-agreste, a segunda versão contada pelo Narrador. Apenas homens fazem os personagens. As atrizes apenas acompanham como parte do público. Os figurinos, adereços, passos de dança e os instrumentos devem ser inspirados na cultura nordestina sertaneja.

O boi brinca e dança em meio à roda. O público não é conduzido de imediato a participar o que pode gerar dúvida entre as pessoas – pode haver adesão imediata ou não. Alguns talvez tomem a iniciativa, guiando, assim, os demais presentes. Caso as pessoas não se juntem, aí sim, os músicos devem guiá-las até lá. Feita a roda, Raimundo junta-se a ela, mas sem dançar, apenas acompanha a música com palmas, compenetrado no que assiste.

O boi brinca ameaçar as pessoas. Quando investe contra Raimundo, esse desvia, com a seriedade de um confronto. O boi insiste repetidas vezes. Raimundo reage com malabarismos cada vez mais elaborados, como se fosse um ensejo de dança. Surge Sebastião. Agitado, atravessa a roda em direção de Raimundo. Pede licença para as pessoas que são levemente empurradas por ele.

SEBASTIÃO – Ô Raimundo! Que eu tava lhe procurando por toda a parte.
Patrão quer lhe ver de imediato.

RAIMUNDO – Hoje é meu dia de folga, Sebastião.

SEBASTIÃO – Eu, no teu lugar, voltava pra fazenda de imediato.

RAIMUNDO – Mais tarde. Quando acabar o folguedo.

SEBASTIÃO - Parece coisa séria. Coisa com o Estrela Preta. O homem tá uma fera.

RAIMUNDO – Que houve com o bicho?

SEBASTIÃO – Melhor tu mesmo ver.

Luz novamente sobre o curral. Januário segura o Estrela Preta por uma corda amarrada em seu pescoço. Raimundo, Sebastião e o público vão até lá. Raimundo abre a porteira e entra com seu colega. Provavelmente, o público não atravessará o limite da cerca para se aproximar dos personagens.

SEBASTIÃO – Aqui está Raimundo, patrão.

JANUÁRIO – O que foi que eu disse sobre ficar com os olhos bem abertos em cima do meu gado? E me avisar se qualquer coisa diferente acontecesse?

RAIMUNDO – O que foi que houve, Seu Januário?

JANUÁRIO – É tu quem deve me explicar. Ainda agora fui passar as vistas no rebanho e reparei que o Estrela Preta tem esse lanho no lombo. O que se passou com ele?

RAIMUNDO – O bicho empacou. Não queria seguir.

JANUÁRIO – E lhe deu com o chicote?

RAIMUNDO – É o que deve ser feito em situação assim.

JANUÁRIO – Este animal aqui me custou uma fortuna. É o melhor reprodutor das redondezas. Nem que trabalhasse de graça, resto da tua vida, poderia me pagar um igual. Sabe disso, não sabe?

RAIMUNDO – Sei, sim.

JANUÁRIO – Reparou algo mais?

RAIMUNDO – Nada não.

Januário levanta o lábio do animal. Estrela Preta chacoalha a cabeça, fazendo escorrer a baba.

JANUÁRIO – E isso aqui? Essa quantidade de baba? Não reparou não?

SEBASTIÃO – Virgem Maria.

Raimundo olha para o animal, tentando compreender o que se passa.

JANUÁRIO – Lhe fiz uma pergunta, seu fedelho?

RAIMUNDO – Não reparei não, senhor.

JANUÁRIO – Disse que era grande entendedor de gado, mas não entende nem da bosta que sai do cu dele.

SEBASTIÃO – É a maldita, patrão?

JANUÁRIO – Mais algum se mostrou diferente?

Raimundo está petrificado.

JANUÁRIO – Responda, homem!

RAIMUNDO – Não, senhor. Foi o único.

JANUÁRIO – Tem certeza?

RAIMUNDO – Tenho, sim.

JANUÁRIO – Amanhã cedinho, quero que os dois apartem o gado de corte pra levar até o matadouro. Vamos adiantar esse abate, antes que seja tarde. E eu não quero alarde, está entendido? Nem uma palavra sobre isso.

SEBASTIÃO – Pode deixar que a gente cuida disso.

JANUÁRIO - Leve mais Raimundo esse um ao pé do morro. Abram lá um buraco e enterrem o bicho!

SEBASTIÃO - Mas é o Estrela Branca, patrão!

JANUÁRIO - Diabos! Será que estou rodeado por um bando de jegue? Se essa maldita febre se espalha, eu perco o rebanho todo.

RAIMUNDO - Não é febre. É a dança.

JANUÁRIO - Era o quê?

RAIMUNDO - A dança.

JANUÁRIO – Dança? Que ideia é essa? Tá com o juízo afetado? Vamos com isso, Sebastião! Contigo me acerto depois, moleque.

SEBASTIÃO – Bora, Raimundo!

RAIMUNDO - Não é febre. É dança.

SEBASTIÃO – Vamos, homem

RAIMUNDO - É dança.

JANUÁRIO - Que desatino é esse? Quer que lhe bote pra fora da minha fazenda?

RAIMUNDO - O Estrela Preta pertence a mim!

Don’Ana aparece ao longe, trazida pelos gritos.

SEBASTIÃO – Tá doido, homem? Isso é jeito de falar com o patrão?

JANUÁRIO - Eu não vou tolerar esse tipo de desacato.

RAIMUNDO - Ninguém toca em animal meu!

JANUÁRIO - Abusado! Pois vamos ver quem manda aqui!

Seu Januário saca a arma, Raimundo segura sua mão e fura a garganta dele com a faca. Sebastião tenta impedir, mas também é esfaqueado pelo jovem.

DON'ANA – Minha Virgem Santa! Socorro! Socorro!

Don'Ana corre. Raimundo, com a arma tomada de Januário, atira com mira certa. A cena congela no momento em que ela sente a bala entrar nas suas costas. Só o seu grito se move. Black out.

As portas que levam à lateral externa direita do barracão são abertas. De lá, vem uma música de rádio. É "Tocando a Boiada", de Mario Lima, cantada pelos filhos, os jovens Chitaozinho e Xororo.

A vida de boiadeiro

É uma vida apertada

Se ficar um dia em casa

Quinze ou vinte na estrada

Em cima do meu mulão

Cortando estradão tocando a boiada

Quando vai anoitecendo

Eu faço minha pousada

Embaixo de qualquer árvore

Minha rede está armada

Com meu cachorro campeiro

Fico a noite inteira vigiando a boiada

O dia que eu fico triste

Na estrada empoeirada

Me disfarço com a viola

Que eu trago sempre afinada

Eu vou cantando versinho

E rompendo caminho e tocando a boiada

Assim levo a minha vida

Sempre alegre na estrada

Por toda parte que eu vou

Deixo uma namorada

Deixo a cabocla chorando

E eu saio cantando tocando a boiada

Deixo a cabocla chorando

E eu saio cantando tocando a boiada

O público deverá passar pela cerca, atravessar o curral e sair do barracão para chegar à próxima cena.

Dia. O cenário é uma casinha, à beira de uma estrada de chão. Sentado do lado de fora, está Inácio. O velho, quase cego, usa óculos escuros. Ao seu lado, uma garrafa de cachaça. Vez por outra beberica. Vê-se pela janela, sua

filha Tereza passar, dançando solitária, de um lado para o outro. O rádio começa a chiar. Tereza parece não ligar.

INÁCIO - Ô Tereza!

TEREZA - Que é?

INÁCIO - Desliga essa porcaria!

TEREZA - Tô ouvindo música!

INÁCIO - Que música, sua filha de uma mula? Não vê que isso tá é uma chiadeira só.

TEREZA - Eu gosto de dançar mesmo assim.

INÁCIO - Isso aí vai comer tudo a pilha. Depois não tenho como ouvir as notícia!

TEREZA - Pilha é minha. Comprei com meu dinheiro.

INÁCIO – “Meu dinheiro”. E desde quando dinheiro que entra nessa casa é teu? Enquanto viver sob meu teto, é a mim que deve obediência. Desaforada...

A música se perde totalmente dominada pelo ruído. Tereza ainda rodopia.

INÁCIO – Anda! Desliga isso. Ou levanto daqui e dou com essa tralha no meio dos teus cornos.

Tereza obedece. Coloca a corpo para fora da janela.

TEREZA - Dia que Julião voltar, vou-me embora daqui!

INÁCIO - É bom perder as esperanças.

TEREZA - Junto minhas coisas e tu nunca mais vai me ver.

INÁCIO –Que me importa? Já quase não vejo! (ri) Sorte minha ter a vista comprometida. Assim não sou obrigado a ver essa tua cara de cabra velha mal coberta.

Ele ri até se afogar. Limpa com as costas da mão a baba. Serve-se com mais um gole de cachaça. Ouvem-se cascos vindos de dentro do barracão.

INÁCIO - Ô Tereza! Tereza?

TEREZA - Que é?

INÁCIO - Chega aqui.

TEREZA - Que foi?

INÁCIO - Tem gente se aproximando na estrada. E vem com gado. Reconhece?

TEREZA - Daqui de longe não.

INÁCIO - É quantos?

TEREZA - Não da pra contar direito. É uma boa quantia.

INÁCIO - Não falo do gado, sua besta. Pergunto dos homem.

TEREZA - Um só.

INÁCIO - Um só homem tocando rebanho? Olhe bem.

TEREZA - É. Um só.

INÁCIO - Certeza? Castigo botar filha zanolha nesse mundo.

TEREZA - Tenho sim.

INÁCIO - Bom... Antes um que nenhum. Vamos! Se avie - vá pra dentro se arrumar. E vê se bota pintura nessa cara pra disfarçar a feiura.

Surge Raimundo em seu cavalo. Traz Estrela Branca numa corda. Os demais bois o seguem.

INÁCIO - Boas tardes.

RAIMUNDO – Tarde.

INÁCIO - Inácio ao seu dispor. Pela voz macia presumo que seja moço jovem, de barba rala na cara. Qual sua graça?

Raimundo pensa um pouco antes de responder, mas por fim, profere com orgulho.

RAIMUNDO - Me chamo Raimundo. Raimundo Nonato - como o santo.

INÁCIO - Raimundo Nonato. MUITÍSSIMO bem! E o que faz nesses cafundós?

RAIMUNDO – Procuro terra pra assentar meu gado.

INÁCIO – O moço quer botar fazenda, é? E sendo assim tão menino já tem monta para tanto? Porque de graça, a única terra que se ganha sem dinheiro é aquela que tampa cova do sujeito.

RAIMUNDO – Não devo satisfação pra ninguém nessa vida.

RAIMUNDO – Éia! Não se aperreie. É conversando que a gente se entende. Só me causa estranheza gente querendo terreno pra esses lados, no meio do nada. Sabe... Desde que inauguraram a estrada nova, movimento dos passantes rareou um bocado por aqui. Tirando os homens da fazenda do seu Cristovão e da fazenda do seu Benedito quase ninguém mais passa pela minha casa. Vez por outra, um fugido da lei ou um matador indo de encontro com seu encomendado atravessa a região. E só. Mas não se preocupe – seja qual for o propósito da sua empreitada, não faço distinção. Todo mundo é bem vindo na minha residência. Inda mais se veio com disposição de fazer negócio - por mais modesto que seja.

RAIMUNDO - Onde encontro água?

INÁCIO - Temos um poço perto daqui. Eu mesmo mandei furar. Minha filha vai lhe mostrar o caminho. Tereza! Ô Tereza!

TEREZA - Um minuto!

INÁCIO - Moço fique a vontade, viu? Querendo se aliviar, soltar o moreno, tem latrina nos fundos. Não é só bicho que tem suas necessidades, não é mesmo? Também podemos arrumar pouso e comida se for do teu agrado.

RAIMUNDO - Tenho de seguir viagem.

INÁCIO – Por que a pressa? Achei que ia dar uma olhada nos entornos pra ver se encontra propriedade do seu agrado. Mas não se preocupe que preço da hospedagem aqui é pouco, basta uns trocados. Logo noite cai. Com esse tanto de boi não é seguro andar por essas estradas. Inda mais sozinho. Tereza! Ô Tereza!

TEREZA – Já tô indo!

Tereza surge na porta. Pintada e com outra roupa, ainda pendura os brincos.

TEREZA - Aqui, painho.

INÁCIO - Essa é Tereza, minha filha. Cumprimente o moço Raimundo. "Raimundo Nonato" feito o santo!

TEREZA - Boas tardes.

INÁCIO - O moço não repare no defeito da vista. A bichinha nasceu com esse olho teimoso, que só sabe olhar pra dentro, procurando o próprio nariz. Mas quando baixa as pestanas não faz feio pra moça nenhuma. E lá embaixo, que é o que mais importa, lhe garanto que está tudo nos conformes, sem qualquer tipo de deformidade. (Ri e se engasga) Fosse filho de coronel, ia lhe oferecer a mão. Mas como não é, ofereço o resto. Precisando de um chamego, posso até dar um abatimento por conta da vesguice. Que me diz?

O vaqueiro permanece em silêncio. Tereza olha para ele com um patético ar de malícia.

INÁCIO - Tá certo. Vejo que mulher não é caso de urgência pro moço. Raro. Peãozada quando alcança essas bandas, depois de semanas sem deitar com fêmea, até se baba quando lhes apresento Tereza. Minha visão é pouca, como se nota, mas de ouvido sou mais atinado que qualquer cão! Sei quando a respiração do indivíduo fica aqui, no alto do peito, e as narinas batem asa. E é assim que eles ficam quando faço oferta com minha filha.

Mesmo que se aliviem pelo caminho - na mão, no xibiu de vaca ou no cu de um amigo menos orgulhoso, desses que se doma sem precisar força – sabem que nada se compara a xota de moça. E não é só pelo buraco, não – que buraco até tatu faz. É a coisa da natureza – a hora que cabra vira homem por inteiro. Mas quem sou eu pra me meter na vida dos outros. Cada um sabe de sua rola. Ô Tereza. Mostre pro sujeito o poço.

TEREZA - Por aqui.

Tereza vai até o poço. Esse cenário fica muito próximo ao da casa, de forma que o público não precise se locomover para acompanhar a nova cena. O gado é conduzido por Raimundo, passando pelo público. Enquanto essa movimentação ocorre, Inácio grita para o vaqueiro, como se ele se afastasse.

INÁCIO - Vou lhe ceder da minha água! E não precisa desembolsar uma moeda sequer. Faço por caridade. Gesto de cristão!

Raimundo apeia do cavalo. Tira água do poço e despeja em um bebedouro ali montado. O gado bebe.

TEREZA - O moço é casado?

RAIMUNDO - Sou não.

TEREZA - Tem namorada?

RAIMUNDO – Por que de tanta pergunta?

TEREZA – Curiosidade só. Todo mundo que é sozinho sente falta de ter alguém.

RAIMUNDO - Eu não sou igual a todo mundo.

TEREZA - É um alívio quando chega aqui viajante mais gentil. Desses, só cobro mesmo porque painho obriga. Fosse por mim, ia de graça.

Ela toca nele, se insinuando. Ele a rejeita.

TEREZA - Se caí nessa vida foi por necessidade, mas sou moça direita. Casada na igreja e no juiz. Tenho certidão de cartório e retrato com véu e vestido branco pra comprovar. Mas tem tempo que meu marido se foi e me

deixou aqui, nessa miséria de vida. Sete anos. Partiu levando boiada de Seu Cristóvão e nunca mais deu notícia. Foi jurado de morte. Acusado de roubo. Esse aqui é ele - meu Julião. Só Deus sabe tamanho da falta.

RAIMUNDO - Conheci esse sujeito – e muito bem. Trabalhamos juntos numa fazenda.

TEREZA - Jura? Por Nossa senhora?

RAIMUNDO - Por Nossa Senhora e por são Raimundo Nonato.

TEREZA - E quando foi isso?

RAIMUNDO - Tem uns par de ano. Tinha mulher e filho pequeno.

TEREZA – Maldito! Bonita ela?

RAIMUNDO - Igual às outra.

TEREZA - E ele? Ainda vive por lá?

RAIMUNDO - Não. Nem lá nem em lugar nenhum. Teu marido é morto, dona. Mexeu com quem não devia.

TEREZA - Morto? Não pode ser.

Ela se senta e chora. Impassível, Raimundo segue dando água ao rebanho.

TEREZA - E onde foi que enterraram Julião? Onde foi que enterraram meu homem?

RAIMUNDO - Não teve enterro. Não acharam corpo pra velar. Morreu sem que padre nenhum rezasse pelos seus erros.

TEREZA - E como é isso? Morte sem defunto? Julião pode ter fugido com outra. Nunca foi homem de confiança com isso de rabo de saia. Veja só o que fez comigo? Me largando aqui com painho depois de ter jurado na frente de Cristo que de mim cuidaria!

RAIMUNDO - É o que todos pensam. Mas ele é morto. Acredite nas minhas palavras. A dona é viúva. E eu sou a única pessoa nesse mundo que pode testemunhar isso.

Raimundo leva a mão ao facão que está pendurado na cintura. Tereza se levanta.

TEREZA - Que mal foi que Julião lhe fez?

TEREZA - A língua - não cabia pra dentro dos dentes. Ameaçava saltar pra fora.

INÁCIO - (bêbado) Ô Tereza? Cadê tu, diacha? Era só mostrar o poço pro sujeito – e mais nada! O moço não é muito afeito a chamego de mulher. Não percebe? Não vá ficar lhe aporrinhando!

Raimundo desembainha a arma.

TEREZA - Só peço que tenha misericórdia de mim. Tenho aflição com isso de dor.

Ela se ajoelha diante do algoz. A cena congela no momento em que ele vai golpeá-la. Enquanto se dá essa ação, Inácio ainda berra do outro lado.

INÁCIO - Ô, Tereza! Venha me servir o jantar, moléstia! Tenho fome, sua porqueira! Tereza? Ô, Tereza! Zarolha dos infernos! Bem que eu queria filho varão, mas foi só isso que a imprestável da tua mãe conseguiu parir! Sempre soube que só ia me trazer desgosto! No dia que tu nasceu eu disse! Bem fez aquele ladrão de vaca que saiu fugido. Mas eu juro: se algum cabra – qualquer que seja – quiser te levar embora, eu dou assim, de presente, sem pensar duas vez! Tereza? Ô, Tereza? Ou tu aparece agora ou lhe arrebento o quengo, sua miserenta. Tereza? Ô, Tereza?

Noite cai. Raimundo segue com o gado. O público deve segui-los. Caminham um tanto por volta do barracão, até um espaço afastado. Há moitas e árvores por perto. A flora indica que se está na caatinga, em época de seca. Lá,

Raimundo acende uma fogueira. O gado se espalha um pouco. O vaqueiro deita e dorme. Um das árvores se mexe. Raimundo desperta, levando a mão ao revólver. Um cangaceiro aparece, espingarda em punho.

ZEFERINO - Tire a mão da arma ou lhe estouro os miolos.

Uma nova figura surge, vinda por outro lado. Agora, uma cangaceira. Também aponta sua arma.

MARIA - Não ouviu as ordens do meu esposo?

ZEFERINO - Pertence a quem o animal? Só pergunto por curiosidade – pois em nada vai mudar a situação. É que gostamos de saber o nome do prejudicado. Ajuda no divertimento!

RAIMUNDO – Esse gado é meu.

ZEFERINO - Ah é? Ouviu, mulher? Gado todinho é dele. Tamo diante de um coronel. Ah, peão! Que não vale a pena proteger identidade de patrão...

MARIA - Rês de raça boa. Pobre diabo como tu não teria condição de ajuntar rebanho assim. Vamos. Diga, cabra: o nome do dono!

RAIMUNDO - Esse gado é meu!

MARIA – Já que insiste nisso é tu mesmo que vai pro inferno! Gente afortunada, no paraíso, não entra. E isso é a própria Bíblia que diz!

Ela aponta a arma.

RAIMUNDO - (confessa, cheio de raiva) Tomei o gado do Seu Januário. Sujeito dono de muitas terras lá pra região do agreste.

ZEFERINO - Arre! Aí sim é que eu gosto. É como o ditado diz: Deus dá cem ano de perdão ao ladrão que rouba outro ladrão.

MARIA – É isso mesmo, cabra? Fala ou lhe uma meto bala no meio da testa!

RAIMUNDO - Ele me ameaçou e acabou foi com o cabo da minha faca atravessado na garganta.

ZEFERINO – Se agiu por justiça então tem nosso respeito. E diz: qual tua pretensão. Pra onde ia tocando bicharada?

RAIMUNDO – Tinha intenção de arrumar um pedaço de chão afastado e botar fazenda. Ou, então, vender as cabeças pra um matadouro e ir-me embora com o dinheiro.

ZEFERINO – Tá certo, companheiro! Fez é muito bem. Só lamento que nossa precisão seja maior. Temos muitas boca pra alimentar. Se serve de consolo, agora sim é que esse patrimônio todo vai parar nas mãos certa por direito.

Estrela Preta muge e tem um espasmo.

ZEFERINO – Ôxe! Que foi isso?

O touro dá um rodopio.

ZEFERINO – Arre! Que deu no zebu? Tá tomado pelo coisa ruim?

Outro giro, furioso. Anda uns passos como se fosse chifrar o cangaceiro que aponta sua arma. Maria faz o mesmo.

MARIA – Te afasta! Filho de um dianho!

RAIMUNDO – Ô, Estrela Preta! Êeee! Ôoo!

O animal para. Se posta inerte. Baba.

RAIMUNDO – É a febre! A febre da baba que pegou ele.

ZEFERINO – E que febre é essa?

RAIMUNDO - É uma peste que tem se espalhado por aí. Doença nova chegada de fora. Onde ela dá, governo vem e abate rebanho. Dizem que é contagiosa.

MARIA - Não queira bancar o astucioso...

RAIMUNDO – É a verdade! Mais uns dias ele cai sem força. Não tem valor nenhum. Tá condenado. Veja. Repare nas vistas.

Marai, mesmo desconfiada, vai checar.

ZEFERINO – E aí, mulher?

MARIA – É... Olhar fosco - tal menino que já nasce anjo.

ZEFERINO - E o que vai fazer dele? Se a morte já é certa?

RAIMUNDO - Eu rogo a Nossa Senhora e a São Raimundo que lhe devolvam a saúde.

ZEFERINO - Tá certo. Vejo que por esse tem sincera estima. Pode seguir estrada com teu bicho quando amanhecer o dia. Até porque gado enfermo, pra gente, não tem valia - mesmo sendo touro de raça boa. É uma pena – justamente o mais bonito... Os demais a gente leva. Caso fosse outro, eu mesmo escoltava esse zebu aí até igreja pra tentar milagre. Mas nosso prazo é

curto nessa terra. Não podemos dispensar nem um minuto com coisa incerta de fé.

MARIA - É certo que não fui com teus cornos, mas vou lhe poupar a vida. Vai seguir livre, como meu homem bem disse. No entanto, em troca, vai ter missão para cumprir. (Ao marido) Amarra ele!

Zeferino ata as mãos de Raimundos. Maria esquenta a faca na fogueira.

MARIA - Todos aqueles que têm como sorte permanecer vivo depois de olhar pra nossa fisionomia, deve, por obrigação, espalhar nome da gente pelo mundo. É nossa história que deve sobreviver a esse tempo – assombrar e ser reverenciada mundo afora. Guarda bem! Zeferino Rouba Rico e Maria Manda Brasa - comandantes do Novo Cangaço!

Enquanto ela marca o rosto do vaqueiro, Zeferino grita e atira para o gado, fazendo o rebanho correr, atravessando o público. Maria, ao fim do seu trabalho, tira as amarras de Raimundo, que está desmaiado. Zeferino monta o cavalo e a esposa sobe em sua garupa. Saem em disparada..

Tempos depois, Estrela Preta se aproxima do jovem. Olha para ele. Encosta seu focinho. Muge. Fica parado ao seu lado. A fogueira se apaga. Amanhece. Quando chega o meio-dia, o animal, já muito fraco, cai de joelhos. Anoitece. O gado muge com tristeza. Deita. Horas depois, morre. Mais um dia. Quando o sol está alto novamente, moscas ruidosas voam em torno deles.

Uma retirante, grávida, se aproxima. Apesar da vistosa barriga é uma mulher magra, sem carnes, amarela. Temerosa, olha os corpos caídos. Toma o facão de Raimundo. Com ele, corta fora a língua do boi morto. Espanta as moscas. Faminta, mastiga a carne com as duas mãos. Como se voltasse de um afogamento, Raimundo desperta. Agarra o punho da frágil mulher. Ela consegue se soltar, mas derruba o pedaço de carne. Ele, como guiado por instinto, junta a língua e come. Ele se senta, já parcialmente recuperado.

De longe, a retirante assiste, de cócoras. Ainda tem o facão nas mãos. Ele rasga com os dentes um pedaço da língua e atira. Ela se aproxima alguns passos para apanhá-lo. Come. Raimundo repte isso duas ou três vezes, fazendo com que ela chegue mais perto. Quando ela está, enfim, ao seu alcance, ele a agarra pelo cabelo, toma seu facão e a derruba, prensando sua cabeça contra o chão. Ela se debate. Ele pega o facão e coloca contra seu pescoço. A retirante desiste de escapar e ele, da vingança. Ele joga a língua no chão para que ela coma.

Raimundo se levanta. Junta suas coisas. Ela permanece ali, obediente. Raimundo olha para os lados – desanimado não sabe qual caminho seguir. Antes de sair, o vaqueiro olha, pela última vez, para Estrela Preta. Com o facão, dá fortes golpes em seu crânio, separando os chifres. Amarra ambos em um cordão que pendura sobre os ombros. Parte em viagem. Ela o segue, sempre mantendo alguns passos de distância.

Em sua caminhada os atores, seguidos dos espectadores, chegam até a rua. Depois de se afastar um tanto do barracão, uma caminhonete passa por eles e para, um pouco a frente, aguardando a dupla. O motorista é Zé Pedro.

ZÉ PEDRO – Tarde. O casal segue pra onde?

RAIMUNDO – Adiante.

ZÉ PEDRO – Isso eu vejo. Sujeito também tá indo pros lados do rio atrás de trabalho nas madeireiras?

RAIMUNDO – É... É isso sim.

ZÉ PEDRO – É o que toda gente da caatinga tem feito. Seca castigou demais teu povo! Eu também trabalho na região da mata, mas faço serviço pra uns fazendeiros. Querendo, posso tentar lhe arrumar alguma coisa por lá mesmo. Não é de bom juízo ficar pra cima e pra baixo com mulher nesse estado. É pra quando a criança?

A retirante dá de ombros.

ZÉ PEDRO - Pelo visto é pra breve. (Pega uma rapadura e entrega para ela) Toma. Vai enganar a fome. Me desculpe a indiscrição, mas que foi que lhe aconteceu na cara?

RAIMUNDO - (com vingança orgulhosa) Isso é nada. Caldeirão na usina onde trabalhava explodiu.

ZÉ PEDRO – Usina? Foi coisa recente?

RAIMUNDO – Tem uns dias.

ZÉ PEDRO – De onde o sujeito vem, afinal das contas?

Raimundo não responde.

ZÉ PEDRO - Olhe... Estou lhe estendendo a mão de boa fé. Faço isso principalmente pela criança que já deve estar para nascer, mas não quero confusão de nenhum tipo.

RAIMUNDO - Leve ela na tua boleia. Eu sigo com meus próprios pés.

ZÉ PEDRO - Sujeito... Não seja tihoso. Onde já se viu? Homem se separar da mulher - inda mais quando carrega filho seu no bucho? A propósito, me chamo Zé Pedro. Ao seu dispor. E sua graça? Qual é?

RAIMUNDO – (pensa em mentir, mas desiste) É Raimundo. De sobrenome Nonato.

ZÉ PEDRO – Pois bem. Subam os dois. Vou lhes dar uma carona. Bora que viagem é longa e inda tenho fazer carregamento amanhã. Subam os dois!

Eles sobem. A caminhonete parte. O público deve aguardar um tempo na rua, até que, do caminho oposto ao traçado por Zé Pedro, se aproximem dois músicos. Dessa vez, os integrantes tocam seus maracás e vêm vestidos de branco. Na cintura uma faixa de cetim e nos braços, braçadeiras indígenas. Uma festa começa dentro do pátio externo do barracão, atraindo o público. Esse folguedo, o bumbá da mata, traz os personagens da 1ª versão da lenda contada pelo narrador. Ela se inicia do momento em que o mascate conta ao coronel da existência do pajé.

Diferentemente do primeiro bumbá apresentado, os elementos como figurinos, dança e música, trazem elementos da cultura do norte. Essa versão é mais fantasiosa. Mulheres também participam do folguedo, inclusive fazendo papéis masculino, como é o caso do mascate.

MASCATE - O homem me curou dos males da bexiga, seu doutor. E de quebra, me arrumou a espinhela caída!

Enquanto o folguedo se desenvolve, a caminhonete retorna – também para o pátio. A retirante não está mais com eles. Raimundo segura uma criança nos braços. Zé Pedro é recebido por um comerciante. Os empregados deste começam a carregar sacos de farelo na carroceria. Neste momento, a família de Pai Chico está sendo ameaçada pelo coronel e seus capangas.

O pajé entra em cena, muito exuberante em sua fantasia. O ator que faz o pajé é um homem loiro, de 40 anos, exímio bailarino. Raimundo desce da boleia. Intrigado, acompanha a versão desconhecida da história.

Depois de ressuscitado, o boi levanta e dança. Esse boi se parece mais com o bumbá tradicional, com fitas e brilhos. Todos comemoram. Seguem em cortejo que não pode ser acompanhado pelos espectadores. Somem.

Tempos depois, o ator que faz o pajé volta, cocar na mão. Conversa com um amigo e uma amiga, também integrantes do bumbá, sobre a apresentação recém-encerrada. Sentam-se numa mesa. Pedem uma cerveja. Bebem. Zé Pedro se despede do comerciante. O carregamento já foi feito. Traz uma mamadeira nas mãos

ZÉ PEDRO (para Raimundo) – Tome! Dê de comer teu menino. Carregamento tá feito. Podemos seguir.

Raimundo mostra-se sem jeito.

ZÉ PEDRO – Me dá aqui ele. Que já criei cinco junto de minha esposa.

RAIMUNDO – Quem é aquele?

Zé Pedro cumprimenta, ao longe, os homens da mesa.

ZÉ PEDRO – Boa tarde, Mané Lúcio. Zacarias! Francisca!

MANÉ (O PAJÉ) – Tarde, Seu Zé Pedro. Mais um? Éta homem que não sossega! Precisa comprar uma televisão!

ZÉ PEDRO – Esse é do Raimundo aqui.

MANÉ – Minhas felicitações! Que tenha muita saúde. Menino?

ZÉ PEDRO – Do saco roxo!

Zé Pedro descobre a criança, exibindo sua genitália. Raimundo se constrange com a conversa. Mané ergue o copo para saudar a criança!

MANÉ – Roxo e grande. Esse vai ser dos bons!

ZÉ PEDRO – Que assim seja! Como foi o boi esse ano?

MANÉ – Maravilha. Ouro no azul, como diria o outro. Não seguiu o folguedo?

ZÉ PEDRO – Trabalhando, homem. Vim carregar farelo para Seu Salustiano. Mas ano que vem, sem falta, tô aqui.

MANÉ – Olha lá, hein. Importante que a comunidade participe! Precisamos preservar as tradições de nossa cidade!

ZÉ PEDRO – Pode deixar!

RAIMUNDO – Quem é ele?

ZÉ PEDRO – Esse aí é Mané Lúcio. Professor da escola.

RAIMUNDO – E o que ele faz no boi?

ZÉ PEDRO – É o pajé.

RAIMUNDO – O que é isso?

ZÉ PEDRO - Um tipo de curandeiro que vive na floresta, além do rio. É ele que devolve a vida ao boi do coronel.

RAIMUNDO – Como é isso?

ZÉ PEDRO – Ôxe, homem. Não tem boi lá das terras de onde tu vem, não?

RAIMUNDO – Tem. Tem sim. Mas isso de feitiço nunca vi.

ZÉ PEDRO – Ah... Tu é dos lados do sertão... Tá certo. Lá história é diferente. Uma ocasião estive em Santa Efigênia e acompanhei o folguedo. Lá é o menino que se traja pra enganar o coronel - não é assim que termina a história?

RAIMUNDO – Quirino. Quirino é o nome dele.

ZÉ PEDRO – Mas modéstia a parte, gosto mais desse nosso boi aqui. Acho mais colorido, mais alegre. Se quiser participar ano que vem, é só falar com o Mané Lúcio ali. É ele que organiza isso tudo. Mas toma aqui teu menino, Raimundo. Temos ainda um par de horas na estrada até a fazenda.

Sobem na boleia. A caminhonete segue para dentro do barracão. Lá, o mesmo curral do início da peça. A única diferença é o chão que agora é de um verde muito vivo. Ele está cheio de gados. Salustiano, o fazendeiro, acompanha o trabalho de seus homens. Zé Pedro e Raimundo descem do veículo e seguem em direção a ele. Raimundo admira o rebanho.

ZÉ PEDRO - Seu Salustiano. Como tem passado?

SALUSTIANO - Como Deus manda, Zé Pedro. Quem é o cidadão?

ZÉ PEDRO - Esse é Raimundo. Encontrei ele na estrada junto da mulher. Estavam os dois passando muita necessidade. Infelizmente, a coitada não resistiu ao parto. Tava fraca que só. Começou a ter febrão e se estrebuchar. Deu só pra salvar o menino.

SALUSTIANO - Minhas condolências.

ZÉ PEDRO - Mas esse aqui há de vingar. A despeito da magreza da mãe, que era só pele e osso, o menino nasceu forte, berrando feito cabrito. Só precisa teto pra proteção e leite gordo de vaca.

SALUSTIANO - E o pai?

ZÉ PEDRO - Raimundo só necessita trabalho, que é a precisão maior de todo homem de dignidade.

SALUSTIANO – Precisando de gente, eu estou. Serviço aqui é o que não falta. Pago um salário pra cada empregado, mais morada e comida. E querendo ficar, Zilu pode se encarregar da criança enquanto estiver na lida.

ZÉ PEDRO – Oxe! Melhor que isso, só dois disso. Que diz, Raimundo? Fica na fazenda?

RAIMUNDO – (olha os animais) Fico. Fico, sim!

SALUSTIANO – Pois então agradeça Seu Salustiano.

RAIMUNDO - Deus há de lhe pagar.

SALUSTIANO – Amém.

Salustiano chama um empregado que se aproxima. É Miguel.

RAIMUNDO – Ô, Gabriel. Se achegue! Gabriel. Esse é Raimundo. Vai começar a trabalhar aqui. Quero que se encarregue de mostrar o serviço a ele, enquanto

trato de uns negócios com Zé Pedro. (para Zé Pedro) Traga a criança. Zilu há de ficar contente com a novidade.

Eles saem.

MIGUEL – Então, seu cabra. Tem experiência na lida do gado?

RAIMUNDO – É o que de melhor sei fazer. É tu o aboiador daqui?

MIGUEL - Aboio aqui não é necessário. Gado nunca sai de viagem - na fazenda tem tudo que ele precisa. Água é a tubulação que traz do rio e ração chega por caminhão quando falta o pasto. Assim, as leiteiras nunca esvaziam as tetas e o animal de corte vai mais cedo para o abate. Com essas facilidades, ganho de Seu Salustiano é grande. De qualquer forma, trabalho aqui não falta. Mais de cem cabeças pra cuidar. Dar de comer, vacinar, ordenhar, lavar cocho...

RAIMUNDO – Sou bom aboiador. Dos melhores!

MIGUEL - É ofício bonito, mas como disse, por essas regiões já não tem importância. Seu Daniel é o último que ainda guarda essas cantorias. Vez por outra se ouve o velho, já mamado, entoar essas canção antiga da porta da casinha dele. Sozinho, sem boi nenhum a lhe responder, parece mais é um cão chorando pra lua. O que antes era prazeroso de se acompanhar, agora é triste. Mas vivemos noutros tempos e tão logo isso vai cair em esquecimento.

Pois bem, seu Raimundo. Não demora noite chegar e tenho muito que fazer ainda hoje. Vá descansar cedo - pelo visto, fez viagem difícil. Amanhã, as cinco, os homens se reúnem para o café e, depois, inicia a lida. Aí tu segue comigo e lhe apresento a fazenda, com mais calma. Venha. Traga suas coisas. Vou lhe mostrar seu aposento.

No cenário onde ficava a cozinha de Don'ana agora está o pequeno quarto de Raimundo. Ele está sentado na cama. Olha a imagem do Sagrado Coração que está na parede. Batida na porta. Raimundo abre – é Zilu, uma mulher já na casa dos 30 anos. Ela traz a criança.

ZILU - O senhor é seu Raimundo não é?

RAIMUNDO - Sou sim.

ZILU - Eu sou Zilu. Empregada da casa. Vim trazer teu menino.

Ela entrega a criança.

ZILU - Amanhã cedo pode deixar que venho pegar ele de volta. Por mim, ficava no meu quarto - não é trabalho nenhum. Se quiser, peço autorização pra Seu Salustiano.

RAIMUNDO – Não se incomode.

ZILU - Como chama o menino? Zé Pedro disse que inda não foi batizado.

RAIMUNDO - Vai ser Raimundo também.

ZILU - Nome bonito. Nome de santo. Mamou feito bezerro ele – dava gosto de ver. Quisera eu ter tido a graça de botar no mundo menino forte assim. Mas minha Mariazinha quis deixar esse mundo antes de completar semana. Doutor disse que nasceu com as tripa colada. Que não tinha nada a ser feito. Não parece coisa certa. Mãe com os peito ainda vazando ter de vestir túnica branca em filho. Fosse para seguir em procissão eu ficaria contente como o quê... Mas ornar menina de anjo pra deitar em caixãozinho...

Ela se senta na cama.

ZILU - Isso é de uma tristeza que não dá pra por nome nem tamanho. A amargura de meu marido foi tanta que ele se perdeu no mundo. Foi-se embora e nunca mais deu notícia. Minha única sorte foi ter o amparo de Seu Salustiano. Até pagou o funeral... É bom homem ele – de imenso coração. Não há dia que eu não me pergunte que mal fiz pra merecer essa desgraça. Mas como questionar as decisão de Deus? Ele deve ter tido seus motivos... Pois parece milagre o que aconteceu há pouco. Foi só pegar teu Mundinho no colo, que meu leite, que há meses se secou, voltou me encharcando vestido. Veja como é o destino. Essa criança sem mãe veio parar nos braços de uma mãe sem criança. Talvez fosse o plano traçado por Nosso Senhor no momento em que ele levou para o céu sua esposa e minha Mariazinha.

A criança chora.

ZILU - Ôxe. Dá aqui ele. Será o Benedito que ainda tem fome? Vem cá, Mundinho.

Raimundo entrega a criança à empregada. Ela dá o peito para o menino.

ZILU - Tua Zilu não vai deixar lhe faltar nada. Pshh... Pshh...

Raimundo senta-se ao lado dela. Ele e Zilu se olham por um instante e se beijam com carinho. Quando a criança termina de comer, Zilu a deita na cama. Os dois adultos fazem o mesmo. Raimundo, por trás, abraça a mulher. Meia-luz.

O narrador surge próximo ao quarto. Olha aquela cena. A postura do narrador agora é mais ativa. A bengala usa unicamente como acessório. Demonstra um tom mais professoral.

NARRADOR – Desvarios, milagres e segredos são coisas de natureza incontestável como tudo aquilo que se acerca do desconhecido. Por isso, o bom contador costuma valer-se desses artifícios para fundamentar suas histórias. É efeito certo no ouvinte que se deixa enlevar pelas palavras que, em um único golpe, lhes concede o imaginar e afasta o senso.

Mas, vez por outra, desponta em meio à roda um tipo mais impertinente, sujeito metido a esperto, com seu dedo para o alto, cheio de “comos”, “porquês” e “ondes” a exigir prova concreta e desdenhar do intangível.

É aí que o contador reage, lançando mão de toda poesia que domina - fala do amor, dos sonhos, do cheiro das rosas e tudo o mais que é de ciência de todos, mas que ninguém vê ou encosta o dedo. E como última cartada, testa a lisura do adversário com o que há de mais sagrado no impalpável – e se cidadão titubeia na sua crença em Deus, aí está ganha a peleja – pois com pagão não tem conversa! E é bonito de ver o atrevido, com a orelha baixa e o rabo entre as pernas, engasgar-se com desculpas.

Arapuca mesmo é quando o narrador se depara com interlocutor de aparente modéstia, que vai averiguando seu saber aos poucos - age como quem está apenas curioso, sem se exhibir na inteligência e, assim, vai encurralando o outro, com uma única pergunta feita repetidas e repetidas vezes: “E depois?”

O narrador aponta para o espaço que ocupou inicialmente. As cadeiras não estão mais ali. Na escuridão, parece um grande vazio. Uma breve luz ilumina 2 manequins – eles estão trajados com as roupas de Raimundo e Elisa. Ela segura com a criança no colo. Juntos parecem uma família. O narrador caminha para lá.

Nota: o recurso irá se repetir várias vezes, formando, assim, uma espécie de museu com objetos e vestes dos personagens da história de Raimundo.

NARRADOR – É nesse ponto que a prosa desanda, a graça se perde e o círculo se desfaz. E ao contador, que antes cabia a propriedade dos fatos, resta a pecha de desonesto por inventar patacoada mal contada ou de incompetente por ignorar o que para um único sujeito é a parte mais importante do relato.

Pode parecer picuinha, diante de evento mais grandioso, se ater a pormenores, mas sem devida explicação periga todo o resto virar folclore. E se comparada à existência, lenda, por mais fantástica que seja, tem menor valia, pois não resiste à manhã seguinte, quando o galo canta chamando as gentes para a lida.

“E depois?” Os dias se sucedem, é certo, e só Deus sabe o prazo de se acabar essa longa história da qual todos nós – vivos, mortos e não nascidos - fazemos parte, mas o fim dos personagens dessas tramas já deve ser dado como certo, (*manequim de Januario, Sebastião e Don’Ana – como na cena em que são assassinados*) visto que pertencem a um passado muito distante, da época em que havia pajés nas florestas e, nas fazendas, escravos.

“E depois?” Nenhum ser vivente é eterno. (*manequim de Tereza, de joelhos, com a foto do marido contra o peito*) No nome e nos feitos alguns se perpetuam, é sabido, (*manequim dos cangaceiros*) mas carne mesmo tem curta validade – e toda ela acaba misturada com a poeira dessa estrada que se pisa, num vai e vem constante, a caminho não se sabe de onde (*O caminhão de Zé Pedro – talvez uma miniatura - o manequim trajado como o motorista e a figura da retirante grávida*).

E é por saber que as coisas não param no tempo, imóveis – e o tempo continua a correr, segundo após segundo – que ainda pairam sem respostas

questões sobre o caso do tal boi dançante, morto pelas mãos de Pai Chico para atender ao impiedoso bucho de sua esposa Catirina. Mesmo que se entenda possível, pela força de feitiço, reviver da morte gado esquartejado, ou então crer que um menino, mal trajado dentro das costelas do bicho, tenha ludibriado o coronel, há aqueles que não se darão por satisfeitos – nem com um, nem com outro desses destinos.

“E depois?” É aí que as questões surgem, de um lado e do outro. Para as bandas das matas, os contestadores indagam sobre o fim dado ao zebu ressuscitado. (*Objetos e manequins dos integrantes do bumbá da mata*) Tendo nova chance nesta terra, padeceu de velho, já sem forças para seus pinotes, diante do fazendeiro que tanto o amava? Ou sendo o dono o finado, foi abatido pelos empregados, virando, pela segunda vez, guisado gostoso, bem temperado, do tipo que se desmancha nos dentes?

Já nas terras agrestes é a sorte do menino Quirino o que mais interessa. (*Objetos e manequins dos integrantes do bumbá-agreste*) Manteve ele o disfarce por tempo longo ou breve? Teria sido flagrado em seu ultraje e pendurado pelo pescoço em um pé de manga-rosa? Ou sucumbiu à própria fantasia e, com os pés em carne-viva de tanto massacrá-los contra os pedregulhos em dança que varava noite após noite, morreu louco, acreditando ser mesmo o boi assassinado?

E é por isso que, mesmo havendo desavença de opinião – se é certa esta ou aquela versão - se faz necessário, para ambas, o depois - um cadáver de comprovação - ou, ao menos, sua notícia. (*A cabeça do Estrela Preta ao centro sem chifres*) Sem isso, a curiosidade dos curiosos não se sacia. É sempre em tristeza ou tragédia – e não em festa - que a coisa toda se consuma.

Ele aponta para o quarto de Raimundo. Ainda estão na mesma pose anterior.

Ao longe, ouvimos uma toada, cantada cheio de tristeza pelo velho Daniel.

VELHO DANIEL – Quando eu era pequeno e vestia camisô

Meu pai tentou me botar no meio de educação

Mas eu só pedi a ele chapéu de couro e gibão

E assim eu fui crescendo foi naquela profissão

Meu transporte era um cavalo

Minha roupa era um gibão

Meu perfume era o das flores das campinas do sertão

Ê boi!

Nota: a canção pode ser ouvida no vídeo

<https://www.youtube.com/watch?v=Xg6wZVIhQWE>.

Durante a cantoria, Raimundo começa a suar e a tremer. A luz volta. Ele se levanta, agitado. Baba. Zilu desperta.

ZILU – Raimundo? Que foi que aconteceu?

RAIMUNDO – Some daqui.

ZILU – Por Nossa Senhora, Raimundo!

Raimundo pega o facão.

RAIMUNDO – Some daqui. Some e leva essa criança. Ou eu acabo com os dois.

Zilu foge com o menino. Raimundo pega os chifres de Estrela Preta e os coloca em volta do pescoço. Vai para o centro do pasto. Canta, com toda sua força, um aboio. Os animais surgem e dançam em círculo em volta dele. Ele, ao centro, gira. A cerca é aberta para que o público possa acompanhá-los. Raimundo corre até a porta lateral esquerda do barracão. Os animais o seguem. A porta está fechada. Raimundo começa a dar com o ombro nela, a fim de arrebentá-la.

O narrador se aproxima, vindo por detrás do público.

NARRADOR - Raimundo - não é esse seu nome?

RAIMUNDO – Raimundo Nonato é minha graça!

NARRADOR – Tal qual o padroeiro de todos os vaqueiros.

RAIMUNDO – Sou protegido por ele e por minha madrinha Nossa Senhora.

NARRADOR – E onde o sujeito pretende ir?

RAIMUNDO – Atravessar o rio!

NARRADOR – Santo nenhum lhe dará auxílio nessa empreitada. Não vê que é impossível?

Batidas vindas do lado de fora simulam o rio. Raimundo continua no seu esforço para derrubar a porta. Volta e meia limpa o suor ou a baba que escorre da boca – está alucinado.

NARRADOR – São fundas essas águas e forte a correnteza – afora os redemoinhos que já engoliram, às dúzias, catamarãs e balsas.

RAIMUNDO – Meus braços são mais fortes que qualquer embarcação!

NARRADOR – E os animais?

Sons de diversos animais também podem ser ouvidos.

NARRADOR - Há sucuris, piranhas e jacarés que vivem em ambas as margens! Estão famintos!

RAIMUNDO – Minha carne é dura e não lhes servirá de prato! Bicho nenhum vai me impedir de ir ao encontro do curandeiro do qual me falaram!

NARRADOR – Se é do pajé que fala, desista! Saiba que já não há, do outro lado, nem índio, nem mesmo a mata - só há deserto!

Juntam-se os sons de motosserras.

NARRADOR - Os madeireiros derrubaram tudo. Escuta o ronco das motosserras!

RAIMUNDO – Eu vou achá-lo de qualquer maneira. Meus pés aguentam infinitas léguas!

NARRADOR – Insiste em seguir, ainda que isso lhe custe o sacrifício do teu rebanho?

RAIMUNDO – Com uma centena aqui cheguei, com uma centena eu passo!

NARRADOR – É esse o tamanho da sua crença?

RAIMUNDO – Maior!

NARRADOR – E em nome do que desafia tua sorte?

RAIMUNDO – Da constância – minha e do meu gado!

NARRADOR – Pois bem! Que assim seja!

Narrador ergue a mão. Os sons param. A porta é aberta.

NARRADOR – Antes que vá, lhe pergunto: não tem palavra para dizer? Pode confiar: minha memória é mais garantida que qualquer livro.

RAIMUNDO – (após refletir) Tenho. Tenho, sim. Uma toada.

NARRADOR – De quem é a autoria?

RAIMUNDO – É minha.

NARRADOR – Pois bem...

Enquanto canta, ele começa a se despir. Fica apenas com os chifres em volta do pescoço.

RAIMUNDO - De menino inda pequeno

Tive o corpo pisoteado

Com o peso de cem bois

No chão me enterraram

Ali mesmo eu morri

Mas renasci agraciado

Homem feito é o que sou

Na alma e no couro marcado

Nesse momento, revela-se que ele tem o abdômen cheio de cicatrizes e a genitália amputada.

RAIMUNDO - Hoje sigo com meu rebanho

Pra um lugar afortunado

Lá botarei fazenda

Farta de bom pasto

Ê ôô, oooi

Meu santo me deu o canto

E a Virgem ensinou bailado

Meu aboio já tocou

O mais bravio dos gado

Bezerro, boi e vaca

E o meu touro branco encantado

Com ele eu dançarei

Sob o céu enluarado

Surge Estrela Preta.

RAIMUNDO – Uma estrela preta guia

O destino dos meus passo

Ê ôô, oooi

Raimundo e o Narrador cumprimentam-se com um gesto de cabeça. Raimundo sai pela porta, junto do touro. Todo o gado o segue respeitosamente. O Narrador, ao fim, se despede do público – tira seu chapéu e faz um gentil meneio de cabeça. Também sai de cena. A porta é fechada.

Ao sair do galpão, pela porta principal, o público encontra na rua um novo folguedo. Personagens do bumbá-agreste e do bumbá da mata se misturam. Um grande boneco, representando Raimundo, divide o centro da roda com o boi. Eles dançam. Os espectadores são convidados a participar.